

Pedro Henrique V. Nonato

“A TEORIA DA VERDADE EM BERTRAND RUSSELL”

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

Pedro Henrique V. Nonato

“A TEORIA DA VERDADE EM BERTRAND RUSSELL”

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia Bacharel.

Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

RESUMO

O trabalho tem por finalidade, analisar a teoria da correspondência de Russell, a sua obra *Os problemas da filosofia*, inicialmente será apresentado um breve percurso histórico do conceito de verdade desde Aristóteles, na Antiguidade, perpassando os Medievais, como São Tomás, até à Modernidade, com o coerentista de Hegel, que influenciou o idealismo britânico. Como veremos o conceito de verdade se faz tão antigo como a própria história da filosofia, entretanto, iremos analisar a teoria de Russell, apresentando alguns elementos fundamentais para a compreensão do conceito de verdade para Russell e, por fim faremos uma apreciação de sua teoria.

Palavras-chave: Bertrand Russell, filosofia analítica, verdade.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze Russell's theory of correspondence, his work *The Problems of Philosophy*, initially a brief historical course of the concept of truth will be presented from Aristotle, in Antiquity, through the Medieval, such as Saint Thomas, to Modernity, with the coherentism of Hegel, who influenced British idealism. As we will see, the concept of truth is as old as the history of philosophy itself, however, we will analyze Russell's theory, presenting some fundamental elements for understanding the concept of truth for Russell and, finally, we will make an appreciation of his theory.

Keywords: Bertrand Russell, analytic philosophy, truth.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. PRIMEIRO CAPÍTULO	5
<i>Introdução histórica — De Aristóteles até Hegel (idealismo)</i>	
2.1 Correspondência em Aristóteles	6
2.2 Coerentismo em Hegel	7
2.3 Idealismo britânico e os Analíticos de Cambridge	8
3. Segundo Capítulo	10
Introdução à Russell - Fundamentos (Atomismo Lógico).	
3.1 Atomismo lógico	11
3.2 Isomorfismo	14
4 Terceiro Capítulo	16
<i>Teoria da verdade de Russell</i>	
5. conclusão	22
6. bibliografia	23

1. Introdução

A flexão acerca da Verdade é algo tão antigo como a história da filosofia, desde Aristóteles na *Metafísica*, onde ele fornece o que seria uma definição de “verdade” ou “verdadeiro”: “[...] falso é dizer que o ser não é ou que o não-ser é; verdadeiro é dizer que o ser é e que o não-ser não é” (ARISTÓTELES, 2005, p. 179, 1011b 26 – 7). Aristóteles foi o precursor a apresentar uma teoria da correspondência. Para Kirkham, Platão “pode ter sugerido uma teoria da correspondência-come-congruência, na passagem do diálogo *Sofista* 262E — 263” (KIRKHAM, 1992, p. 174). Pois bem, a teoria mais importante da verdade como congruência é a de Russell, portanto, iremos analisá-la. O filósofo a elaborou com uma resposta ao idealismo britânico (influência de Hegel), a partir das discordâncias que Russell tinha em relação ao idealismo, uma delas é crítica ao coerentismo. A teoria como congruência:

Alega que há um isomorfismo estrutural entre os portadores de verdade e os fatos aos quais eles correspondem quando o portador de verdade é verdadeiro [...]. É precisamente por causa desse isomorfismo, dizem os defensores da correspondência como congruência, que se pode dizer o fato e o portador de verdade correspondem um outro.” (KIRKHAN 1992, p. 173)

A interpretação da correspondência como um isomorfismo está intimamente relacionada tanto com a teoria sobre a estrutura última do mundo quanto com o ideal de uma linguagem perfeitamente clara, teses características do atomismo lógico. Coloca-se, pois, a questão de se a teoria da correspondência pode ser divorciada do atomismo lógico e, se o pode, que explicação poderia, então, ser dada a respeito da relação de correspondência. (HAACK, 1998, p. 135).

Para Russell, o mundo é composto por *átomos* lógicos, e, a partir dos *átomos lógicos* é possível filosofar, fazendo-se análise da proposição que correspondem com os fatos, ou seja, com a realidade, por meio dos sentidos. Logo, temos os fatos atômicos e proposições atômicas. Sua reflexão acerca da verdade está intimamente articulada com o isomorfismo, dito isso, vemos a importância dela para a sua teoria da verdade. O isomorfismo em última

instância é acreditar que a linguagem (a proposição) corresponde com o mundo, portanto, podemos falar sobre um determinado fato: ele será verdadeiro na medida que corresponde com o mundo. Logo, a verdade como correspondência também acredita que a linguagem é capaz de abarcar o mundo, como também a proposição é capaz não apenas de abarcar, mas também, de corresponder.

2. Primeiro Capítulo

Introdução histórica — De Aristóteles até Hegel (idealismo)

O primeiro capítulo inicia apresentando um breve percurso histórico da concepção de verdade ao longo da história da filosofia, tendo como percurso Aristóteles, posteriormente temos os medievais e, por fim, o idealismo alemão, sobretudo Hegel. Neste percurso histórico, há duas teorias, a primeira é a teoria correspondentista, ou seja, a verdade como correspondência, traduz-se como a proposição correspondendo com um fato. Por exemplo, a proposição: “a neve é branca”, tal proposição se faz verdadeira, pois corresponde com o mundo. Já na segunda teoria da verdade, o coerentismo não se detém uma sentença, frase ou crença. Mas implica em um conjunto de sentenças e crenças que articulam entre si, sobretudo de forma harmônica, tornando-se um sistema. Pois bem, vejamos como podemos expressar as duas teorias.

1. Teoria da Correspondência: X é verdadeiro sse X corresponde a um fato.

2. Teoria da Coerência: X é verdadeiro sse X possui um conjunto de crenças coerente internamente e que são articuladas entre si.¹

¹ O símbolo sse (iff) é o "se e somente se".

2.1 Correspondência em Aristóteles

Dito isso, prosseguiremos com a teoria da verdade como correspondência não, é algo novo na filosofia, ou seja, não é algo tão recente, embora, ela seja fundamentada, organizada e teorizada por Russell, no século XX. Com Aristóteles já havia indício de uma da verdade como correspondência, ou seja, é tão antigo como à história da filosofia, compreendia-se a verdade, isto é, o conceito de verdade como uma necessidade de equivalência com a realidade, ou seja, no século IV a.C. se fazia necessária a correspondência... Aristóteles, no *Livro I da Metafísica*, definia o que é verdade como: “dizer do que é que ele não é, ou do que não é que ele é, é falso, enquanto dizer do que é que ele é, ou do que não é que ele não é, é verdadeiro” (ARISTÓTELES, 2005, p.179, 1011b 26 – 7). Ou seja, é verdadeiro quando corresponde ao fato e, falso quando não corresponde.

Um bom exemplo que nos ajuda a compreender o que Aristóteles compreende com como correspondência, é a sua compreensão acerca da arte... ou a compreensão de como que os gregos compreendem como arte. Valeremo-nos da palavra de origem grega *Mimesis*, traduz-se por imitação, ou seja, a arte mimética é uma reprodução, uma cópia da realidade, e o critério basilar para validar (e avaliar) uma obra de arte, na sociedade grega², era a verossimilhança, como aponta Aristóteles.

Tanto na caracterização das personagens quanto na trama dos fatos é preciso sempre procurar o necessário ou o verossímil, de tal modo que tal personagem diga ou faça tais coisas por necessidade ou verossimilhança e que isso se realize após aquilo também por necessidade ou por verossimilhança (ARISTÓTELES, 2017, p. 129).

É interessante notarmos que a arte tem sua importância, ou seja, relevância na cultura grega na medida que corresponde com a realidade, isto é, a verossimilhança da reprodução artística com a realidade. Do mesmo modo, “a verdade”, logo tem valor quando satisfaz a realidade,

² Platão via a arte mimética, isto é, a cópia (reprodução da realidade) ... como algo ruim. Aliás, a nossa realidade é uma cópia do mundo das ideias. Contudo, para Aristóteles não há mundo das ideias, tampouco mimesis é ruim. “Portanto, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo fato de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição. Por exemplo, dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro” (598a-e)

ou seja, ela é verdadeira na medida que corresponde com os fatos... concomitantemente com o mundo.

A partir deste exemplo, temos um esboço inicial do que seria a teoria da verdade como correspondência... Ou seja, temos elementos que possibilita uma breve concepção, é necessário analisar a proposição com o mundo, logo, temos: proposição, fato, verificação a partir do fato. Posteriormente a Aristóteles, temos os medievais onde acreditavam que a verdade é adequação do intelecto com o mundo. Podemos exemplificar com St. Tomás: “veritas est adequatio rei et intellectus” [verdade é adequação da coisa e do intelecto].³ A partir da idade Moderna, a verdade começa a se apresentar distintamente, com Descartes e, com a metafísica da subjetividade... e, posteriormente, o idealismo alemão⁴. A verdade tem um caráter metafísico, ou seja, transcendente. Além disso, há um novo empreendimento humano: os sistemas filosóficos que se articulam perfeitamente com a metafísica. Logo, os critérios de verdade e falsidade, tal como o próprio conceito de verdade, possui uma nova significação, isto é, há uma ressignificação, a verdade é uma coerência entre ideias, articuladas de forma harmônica, logo, a verdade dos sistemas filosóficos que tinham a ambição de compreender o mundo na sua totalidade, só é verdadeira dentro de um determinado sistema, o que o sistema filosófico faz é criar ideias e crenças que só fazem sentido em um contexto específico, ou seja, criam-se ideias que não correspondem com a realidade, porém, elas fazem sentido sendo articuladas em si.

2.2 Coerentismo em Hegel

Vejamos um exemplo que, ajuda-nos entendermos melhor. Hegel criou um sistema filosófico cuja finalidade era compreender a realidade em sua totalidade. Dentro do seu sistema há uma crença que não pode ser verificável, entretanto, faz-se necessário... o qual é o Espírito absoluto⁵, manifestando-se na história e, na cultura conduzindo ao progresso... Ou seja, um

³ Cf. AQUINO, T. Suma teológica, vol. I. 3 ed. Trad. Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 360, Q. XVI, a. 2.

⁴ “É o desenvolvimento da doutrina kantiana, sobretudo por Fichte e Schelling, que, no entanto, deram a essa doutrina uma interpretação mais subjetiva e menos crítica, prescindindo da noção de coisa-em-si e considerando o real como constituído pela consciência.” Para Hegel, caracterizar sua metafísica segundo a qual o real é a ideia, entendida, contudo, não em um sentido subjetivo, mas absoluto. “O que é racional é real, o que é real é racional” (MARCONDES, 2001, p.98).

⁵ O espírito, por sua vez, apresenta três níveis: espírito subjetivo, a mente individual; espírito objetivo, a mente coletiva, que diz respeito à lógica própria das instituições e culturas; e o espírito absoluto, ou seja, a forma como os seres humanos buscam e buscaram Deus, mediante arte, religião e filosofia. (INWOOD, 1997, p.141 – 148)

ser transcendente onde se manifesta no mundo, de forma imanente⁶, como as intuições e a cultura. Vejamos o exemplo da concepção de Hegel acerca da Arte que se divide em 3 etapas ao longo da história - arte simbólica (zoroastrismo (Irã), Egito, Índia), arte simbólica (greco-romana) e arte romântica (Arte europeia medieval, música e poesia romântica). Segundo Hegel, a uma dialética de superação da arte e, que o fim da arte seria o romantismo alemão, ou seja, *high culture* que seria manifestação do Espírito Absoluto, este progresso observado sobre uma forma dialética, fazendo-se verdadeiro apenas no sistema de Hegel, pois poderíamos argumentar e as demais culturas ou apenas a cultura alemã e a manifestação do espírito absoluto... evidentemente, para Hegel a resposta seria sim. Pois bem, a partir deste exemplo podemos observar como era compreendido a verdade.

2.3 Idealismo britânico e os Analíticos de Cambridge.

O idealismo alemão tornou-se crucial para a filosofia devido às suas influências, até o início da filosofia analítica. O momento crucial para a compreensão da verdade como correspondência foi na Grã-Bretanha, onde havia uma disputa entre os idealistas de Oxford e os analíticos de Cambridge. Para Bradley, influenciado pelo idealismo alemão, sobretudo Hegel, definirá a verdade como coerência, pois ele acreditava que a realidade deveria ser concebida como um todo coeso de relações, indo ao encontro do Absoluto⁷.

Bradley sobre o teste de verdade como ‘sistema’, que ele explica como requerendo, do conjunto de crenças, tanto *consistência* quanto *amplitude*. E em Bradley, [...], o apelo à coerência está ligado à negação de que nosso conhecimento tenha qualquer base incorrigível nos juízos de percepção. Contudo, a teoria de Bradley tem íntimas conexões com seu idealismo absoluto. De forma breve e geral, a realidade, de acordo com Bradley, é ela própria essencialmente um todo unificado e coerente. (HAACK, 1998, p. 138).

⁶ O sistema de Hegel é um desdobramento da ideia absoluta na natureza e, por sua vez, da natureza surgem seres capazes de consciência de si, de espírito. Isso corresponde à clássica divisão de Xenócrates entre lógica, física e ética para se fazer um sistema. Deus pensa a si mesmo (lógica), sai de si mesmo (natureza) mas retorna a si mesmo (espírito), sendo sua filosofia um panenteísmo (Deus abrange o todo, mas não equivale ao todo). (INWOOD, 1997, p.141 – 148)

⁷ O Absoluto é compreendido na perspectiva hegeliana.

Os analíticos no que lhe concerne criticavam as postulações idealistas⁸ e, criaram uma definição da verdade como correspondência. Dito isso, há grandes pensadores que teorizaram a verdade como correspondência Russell, Wittgenstein,⁹ Austin,¹⁰ em alguma medida Tarski, entretanto, a nuances cruciais.¹¹ Russell apresenta congruência com Wittgenstein, ambos associavam a verdade como correspondência. Para Wittgenstein, “4.01 A proposição é uma imagem da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como nós a pensamos.” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 71). Entretanto, em Russell há divergências com Wittgenstein.¹²

Russell a ampliou com uma teoria epistemológica conforme a qual as coisas logicamente simples (logical simples), sobre cujo caráter Wittgenstein é agnóstico, são dados dos sentidos, que Russell tomou como os objetos do conhecimento direto por familiaridade (direct acquaintance), e se entende que a significatividade de uma proposição deriva de ser ela composta de nomes de objetos de conhecimento por familiaridade (acquaintance). Estas adições epistemológicas não afetam fundamentalmente o núcleo da explicação da verdade, mas algumas outras diferenças entre as versões de Russell e Wittgenstein são mais relevantes. (HAACK, 1998, p.134).

3. Segundo Capítulo

Introdução à Russell - Fundamentos (Atomismo Lógico).

Para podermos compreender a relação da verdade como correspondência, com a sua epistemologia, devemos saber que Russell compreende o conhecimento a partir da

⁸ “A metafísica atomista lógica pluralista de Russell foi motivada pela reação contra o monismo dos idealistas.” (HAACK, 1998, p. 138). É interessante notar que Russell foi hegeliano, hegelianismo transmitido por Berkeley, mas, em 1898, sobre a influência de Moore, abandonou-se o idealismo. “Em Cambridge, li Kant e Hegel, bem como a Lógica de Bradley, que influenciou profundamente. Durante alguns anos, fui discípulo de Bradley, mas, em torno de 1898, mudei meus pontos de vista, em grande parte por causa das argumentações de G. E. Moore” (REALE, 2006, p. 316).

⁹ “Tanto Russell quanto Wittgenstein, durante seus períodos de ‘atomismo lógico’, deram definições de verdade como a correspondência de uma proposição com um fato.” (HAACK, 1998, p. 123)...

¹⁰ “Austin (1950) oferece uma nova versão da teoria da correspondência, da qual um exame dá algumas respostas. A versão de Austin não se apoia nem em uma metafísica atomista, nem em uma linguagem ideal.” (HAACK, 1998, p. 15).

¹¹ Há alguma familiaridade com a teoria de Russell, entretanto, é uma teoria extremamente sofisticada, pois exige uma compreensão da teoria da verdade como correspondência não, é algo novo na filosofia, ou seja, não é algo tão recente, embora, ela seja fundamentada, organizada e teorizada por Russell, no século XX lógica. Tarski formaliza o “esquema (T)”. ver (HAACK, 1998, p.143).

¹² Wittgenstein não se debruçou sobre uma teoria acerca da verdade, o que há são apenas fragmentos, trechos que sugere uma compreensão da verdade como correspondência. Para Haack, a compreensão de Wittgenstein é austera, diferentemente de Russell, pois ele articula a sua teoria com a sua epistemologia. (HAACK, 1998, p. 134).

familiaridade e descrição. Russell observa haver uma distinção entre “conhecer” e “saber”¹³, ou seja, os significados são diferentes. Vejamos: Se eu falasse que sei quem é o Bruce Wayne¹⁴ seria compreensível, entretanto, se eu dissesse que conheço o Batman seria sem sentido, pois se trata de um personagem fictício da literatura. Vejamos outro exemplo: um aficionado por viagem poderia dizer que conhece o frio de Bariloche, dado que ele a visitou, entretanto, um viajante que nunca foi à Bariloche, embora, saiba como é, não dirá que a conhece, e sim que sabe como ela é. Pois bem, como podemos ter notado, o “*conhecimento*” pressupõe o contato imediato, ou seja, a experiência, já o “*saber*” implica o conhecimento pelos testemunhos de terceiros. Ou seja, o conhecimento por *familiaridade* é proporcionado pelos sentidos, isto é, as experiências empíricas. E, o conhecimento por *descrição* é oferecido sem a experiência empírica, ou seja, sem o contato, permitindo-nos conhecer as coisas sem a necessidade da experiência, baseado no testemunho ou no conhecimento por familiaridade de outras pessoas, portanto, temos o conhecimento por *familiaridade* ou *descrição*.

Russell concluiu que todo nosso conhecimento em última instância, advém do conhecimento por familiaridade. É interessante notar que a sua epistemologia estabelece uma relação com a teoria da verdade, pois se faz necessário a experiência empírica, isto é, tanto fundamentar o conhecimento, tal como para validar, ou seja, para verificar a verdade, articulam-se entre si com o mundo. Tal articulação deve ser harmônica e correspondendo com a realidade, que só pode ser feita a partir da experiência, do contato imediato por meio dos sentidos.

3.1 Atomismo lógico

Prosseguimos, temos a teoria da correspondência de Russell, elaborada na obra *Os Problemas da filosofia*, sobretudo, no capítulo 12; “Verdade e falsidade”. Há um princípio que Russell estabelece aprioristicamente que se faz crucial para a sua teoria, o fundamento é a linguagem, isto é, como a linguagem se relaciona com o mundo, Russell adota o atomismo

¹³ É importante salientar que essa distinção existe apenas em línguas de origem latina, os anglo-saxões por exemplo usam o verbo “*to Know*” tanto para conhecer, tal como para saber.

¹⁴ Conhecido popularmente como o Batman, é um personagem fictício e anti-herói da DC comics.

lógico, tal como Wittgenstein. O atomismo lógico¹⁵, é uma filosofia que se propõe analisar a linguagem, a partir de uma análise lógica. É um avanço significativo para a reflexão filosófica, pois se inicia com uma crítica ao idealismo britânico, e a filosofia hegeliana, isto é, o absoluto. Visto que, o filosofar desde Kant era pensando nas possibilidades ou condições necessárias para o conhecimento, ou seja, a filosofia propõe-se a analisar as ideias e o pensamento e, não mais o objeto. Essa mudança de paradigmas na filosofia, é conhecida como “*virada copernicana*”. Pois bem, no final do século XIX, inicia-se com Frege e, posteriormente com Russell e Wittgenstein, uma análise da linguagem, ou seja, o filosofar não leva mais em consideração, o objeto, a mente, ideias e afins, e sim a linguagem. Ou seja, a investigação epistemológica transforma-se em uma investigação linguística.

Pois bem, Russell cria o atomismo lógico, fundamental para que possamos compreender a sua teoria da correspondência, pois ambas as teorias estão intimamente relacionadas. “Tanto Russell quanto Wittgenstein, durante seus períodos de ‘atomismo lógico’, deram definições de verdade como correspondência” (HAACK, 1998, p. 133).

“Atomismo lógico constitui uma teoria filosófica sobre a estrutura fundamental da realidade a partir de um método de análise lógica de proposições. Assim, o atomismo lógico considera que a análise lógica nos mostra, como resultado, os constituintes lógicos mais simples da proposição – os átomos lógicos – e que estes correspondem exatamente aos constituintes da realidade. Pensamos que ao menos três ideias estão aqui subentendidas: (i) há uma correspondência geral entre linguagem e realidade, e isso garante que a análise completa das palavras irá coincidir com a análise completa das coisas, (ii) a realidade não é única e indivisível, mas sim composta por uma multiplicidade de coisas separadas e (iii) os átomos lógicos não podem ser analisados em partes mais simples.” (AMARAL, 2015, p. 35-36)

¹⁵ *A priori* o atomismo lógico é a análise lógica ela é verdadeira na medida que corresponde com os fatos... concomitantemente com o mundo. posteriormente, ficou popularmente conhecido filosofia da linguagem e, teve importantes desdobramentos.

É importante salientar que a análise das proposições, ou seja, o átomo lógico não é os átomos físico, Russell diz:

A razão pela qual eu chamo minha doutrina de atomismo lógico é porque os átomos que eu desejo alcançar como o tipo de resíduo último na análise são átomos lógicos, e não átomos físicos. (RUSSELL, 2010, p.3).

Para Russell, o mundo é a totalidade dos átomos lógicos e, a partir dos átomos lógicos é possível filosofar, fazendo-se análise da proposição que correspondem com os fatos, ou seja, com a realidade, por meio dos sentidos. Desta forma, temos os fatos atômicos e proposições atômicas.

Fatos atômicos: são os fatos mais simples que existem na realidade, ou uma relação entre fatos que há.

Proposições atômicas: são aquelas que correspondem aos fatos atômicos e são constituídas apenas por nomes. Ou seja, é a descrição de um fato atômico.

A proposição refere-se aos fatos, sendo verdadeiras ou falsas, um princípio que está intrinsecamente articulada o atomismo lógico é a lei do terceiro excluído¹⁶ e com a experiência empírica, pois por meio dela analisarmos a proposição, pois o que existem são proposições verdadeiras ou falsas; existem fatos falsos, são as proposições acerca dos fatos que são falsas.

Para cada fato existem duas proposições, uma verdadeira e uma falsa, e não existe nada na natureza do símbolo para nos mostrar qual é a verdadeira e qual é a falsa. Se existisse, poderíamos averiguar a verdade acerca do mundo examinando as proposições sem olhar ao nosso redor. Existem duas relações diferentes, como vemos, que uma proposição pode ter com relação a um fato: uma é a relação que podemos chamar ser verdadeiras para o fato, e a outra ser falsa para o fato. Ambas são igualmente relações essencialmente lógicas que podem subsistir entre os dois. (RUSSELL, p. 60)

¹⁶ Para qualquer proposição, ou esta proposição é verdadeira, ou sua negação é verdadeira. $P \vee \sim P$. Vejamos este exemplo. Sócrates é mortal, ou Sócrates não é mortal.

3.2 Isomorfismo

Correspondência entre fatos e linguagem

E por fim, temos o isomorfismo no atomismo lógico, isto é, a relação entre linguagem e mundo, ou seja, a estrutura linguística a proposição corresponde com o mundo.

A ‘correspondência’ consiste neste isomorfismo estrutural. As condições de verdade das proposições moleculares podem, então, ser dadas: ‘ $\neg p$ ’ será verdadeira apenas no caso de ‘ p ’ não ser, ‘ $p \vee q$ ’ será verdadeira apenas no caso de ‘ p ’ ser verdadeira ou de ‘ q ’ ser verdadeira, e assim por diante. (HAACK, 1998, p. 134).

para compreender o isomorfismo entre sentença e mundo, na teoria da correspondência de Russell. Prosseguiremos como o próximo e, último exemplo.

“O atacante chuta a bola em direção ao gol” (a proposição)

Logo abaixo, temos duas figuras, a primeira figura trata-se de um jogador se preparando para chutar a bola em direção ao gol, já na segunda figura há uma bola indo em direção ao gol.



Figura 1. Homem com a bola



Figura 2. Gol

Portanto, podemos estabelecer uma relação de congruência entre a proposição: “O atacante chuta a bola em direção ao gol” com as duas imagens acima, visto que a proposição corresponde com as figuras, isto é, a sentença descreve a imagem, como se fosse um “espelho”, logo a proposição reflete o fato. A partir deste exemplo apresentado para elucidar o conceito de isomorfismo, devemos concluir que o isomorfismo é basicamente uma relação de congruência, seja na matemática, ou, na nossa linguagem.

A interpretação da correspondência como um isomorfismo está intimamente relacionada tanto com a teoria sobre a estrutura última do mundo quanto com o ideal de uma linguagem perfeitamente clara, teses características do atomismo lógico. Coloca-se, pois, a questão de se a teoria da correspondência pode ser divorciada do atomismo lógico e, se o pode, que explicação poderia, então, ser dada a respeito da relação de correspondência. (HAACK, 1998, p. 135).

Há uma influência de Wittgenstein (*Tractatus Logico-Philosophicus*), entretanto, tal influência foi posterior a publicação da obra *Verdade e falsidade*¹⁷, Russell propõe o atomismo lógico¹⁸. Pois bem, a verdade é compreendida com uma relação da proposição com o mundo, ou seja, faz-se necessário um referente, isto é, a sentença deve corresponder com o fato; do contrário a sentença será falsa.

Proposição A: “A seleção brasileira foi campeã da copa, em 2002.”

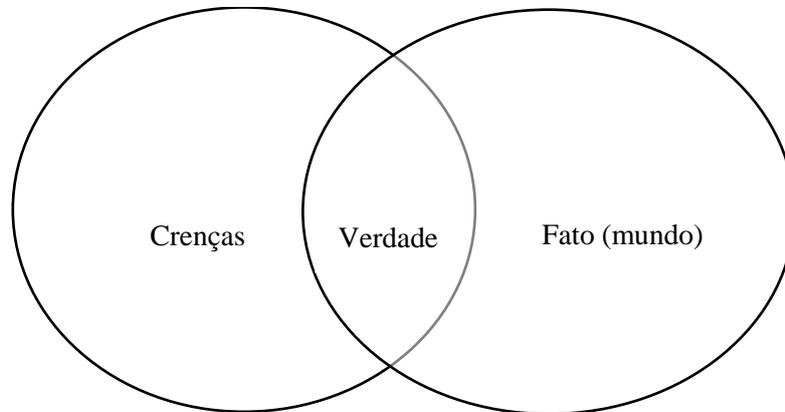
Proposição B: “A grama é azul.”

Sabemos qual proposição é verdadeira e, qual é falsa. Pois a proposição A corresponde com um fato no mundo, entretanto, a proposição B não corresponde com um fato no mundo. Nota-se que a compreensão de verdade proposta por Russell não é metafísica, isto é, uma verdade transcendente, etérea, como “A Verdade” ... aliás, a verdade em si não existe, pois o que é

¹⁷ A obra *Verdade e falsidade* foi publicada em 1912, enquanto, o TLP foi finalizado em 1918, por Wittgenstein, e publicado em 1921, ou seja, foi posterior a obra de Russell.

¹⁸ O atomismo lógico é um conceito filosófico desenvolvido por Russell e, posteriormente, aprofundado por Wittgenstein (TLP). Pressupõe que há um certo número de elementos relacionados entre si de uma determinada maneira. Quando ocorre a análise da linguagem, chega-se a átomos lógicos. Estes, diferentemente dos átomos físicos, são absolutamente simples. A filosofia que faz de semelhantes átomos os constitutivos últimos da linguagem e do mundo é chamada de atomismo lógico. Para Russell, tanto a distinção entre nomes e proposições quanto a distinção entre nomes e “descrições definidas”, quando levadas à sua conclusão lógica, conduzem a átomos lógicos. Ou seja, o atomismo lógico tem como finalidade analisar os fatos atômicos (fatos no mundo) e as proposições atômicas (frases, orações e afins), sobretudo a sua congruência.

verdade ou falsidade são as proposições e não os fatos. Logo, as nossas crenças só são verdadeiras quando se relacionam com o fato, ou seja, com há a congruência.



4. Terceiro Capítulo

Teoria da verdade de Russell

Vamos examinar a teoria de Russell, em sua obra *Os problemas da filosofia*, sobretudo no capítulo 12, *Verdade e falsidade*. Russell elabora a teoria da correspondência. Russell faz uma observação importante, antes de iniciar a sua teoria, salientando a distinção entre teoria da verdade x teoria da justificação.

Não estamos perguntando como podemos saber se uma crença é verdadeira ou falsa: estamos perguntando o que quer dizer com a questão a respeito da verdade ou falsidade de uma crença... É muito importante manter inteiramente separadas essas questões diferentes, já que qualquer confusão entre elas certamente produzirá uma resposta que não será realmente aplicável a nenhuma delas (RUSSELL, 1912, p.119-120).

Ou seja, a preocupação com Russell não é como um indivíduo acredita em algo, crenças etc., isto é, porque ele crer e, sim, o que como sabemos que é verdadeiro a crença em si. Logo, a

intenção de Russell é fundamentar uma teoria da verdade que possa ser verificável. Como fora dito anteriormente, a filosofia de Russell articula entre si, ou seja, a sua teoria da epistemologia, tal como a sua análise de proposição, o atomismo lógico e, por fim, a teoria da verdade. Portanto, ela deve ser compreendida de forma geral, ou seja, articulada. Pois bem, Russell inicia a sua reflexão apontando a dualidade que sobre a crença em uma sentença...

Nosso conhecimento de verdades, diferentemente de nosso conhecimento de coisas, tem um contrário, ou seja, o erro. No que diz respeito às coisas, podemos conhecê-las ou não conhecê-las, mas não existe um estado de espírito positivo que possa ser descrito como conhecimento falso das coisas, pelo menos, em todo caso, enquanto nos limitamos ao conhecimento direto [by acquaintance]. Tudo o que conhecemos diretamente [are acquainted] deve ser algo; podemos fazer inferências falsas de nosso conhecimento direto [acquaintance], mas o conhecimento direto [acquaintance] ele mesmo não pode ser enganoso. Assim, não existe nenhum dualismo em relação ao conhecimento direto [acquaintance]. Mas existe um dualismo em relação ao conhecimento de verdades. Podemos crer no falso, como no verdadeiro. (RUSSELL, 1912, p. 139).

Ou seja, a partir dessa dualidade, como sabemos que a nossa crença é verdadeira, podemos muito bem acreditar que: “à terra é plana”, “vacina causa autismo” dentre outras coisas, qual critério é crucial para sabermos que a nossa crença é verdadeira. “Sabemos justamente que sobre muitos assuntos diferentes as pessoas sustentam opiniões diferentes e incompatíveis; portanto, algumas crenças devem ser falsas.” (RUSSELL, 1912, p. 139).

Russell faz uma excelente pergunta: “Que entendemos por verdadeiro e falso?” (RUSSELL, 1912, p. 139-140), portanto, devemos fazer duas perguntas: “o que é verdade?”, “o que é falsidade?”. Poderíamos elencar várias teorias acerca da verdade, ou seja, aquilo que é verdade, ou não necessariamente poderia ser uma teoria, mas sim uma hipótese daquilo que compreendemos como verdade e falsidade. Pois bem, Russell vai valer-se da teoria como correspondência.

A correspondência com o fato constitui a natureza da verdade. Falta definir de um modo mais preciso o que entendemos por “fato”, e qual é a natureza da correspondência que deve existir entre a crença e o fato, a fim de que a crença possa ser verdadeira. (RUSSELL, 1912, p.140).

A interpretação da correspondência como um isomorfismo está intimamente relacionada tanto com a teoria sobre a estrutura

última do mundo quanto com o ideal de uma linguagem perfeitamente clara, teses características do atomismo lógico. HAACK (1998, p. 135).

Como vimos, a correspondência onde Russell se refere, articula-se com a compreensão acerca do isomorfismo e o atomismo lógico. A teoria do atomismo lógico de Russell pressupõe que a nossa linguagem correspondesse com a realidade. Valeremos a definição de seu discípulo Wittgenstein, para compreender a tese de Russell. “4.01 A proposição é uma imagem da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como nós a pensamos.” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 71). A frase de Wittgenstein resume de forma simples qual era o pressuposto do atomismo, isto é, o seu fundamento. Era acreditar que a linguagem é perfeitamente clara e que haveria uma relação entre a proposição e o mundo.

Portanto, a teoria de Russell está fundamentada no atomismo lógico, certamente está é a fragilidade de sua teoria¹⁹. Pois poderíamos argumentar que a linguagem não corresponde com o mundo, ou que garante que existe uma correspondência. Podemos acreditar em frases que não possuem referências, logo não podem ser verificáveis, por exemplo, “A barba do papai Noel é branca”²⁰. É falso dizer que a barba do Papai Noel é branca?

Agora iremos analisar a teoria, inicialmente Russell estabelece três requisitos para a teoria.

Devemos procurar uma teoria da verdade que (1) admita que a verdade tem um oposto, ou seja, a falsidade, (2) torne a verdade uma propriedade das crenças, mas (3) torne-a uma propriedade completamente dependente da relação das crenças com as coisas exteriores. (RUSSELL, 1912, p. 140).

Pois bem, veremos o primeiro critério: (1) “admita o seu oposto, a falsidade” (RUSSELL, 1912, p. 140), segundo o filósofo, muitos filósofos fracassaram em elaborar uma teoria que

¹⁹ A teoria de Russell tem uma fragilidade evidente: que o fim da arte seria o romantismo alemão, ou seja, como se houvesse uma correspondência, entre linguagem e mundo (fato). Entretanto, vemos com Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, o conceito de *jogos de linguagem*. a linguagem não pode ser abarcada logicamente, pois as regras jogos de linguagem mudarão durante os.2.3 Idealismo britânico e os Analíticos de Cambridge.s, aliás, cada jogo tem suas regras, em virtude da diversidade dos jogos, impossibilita que a lógica seja capaz de abarcar toda a nossa linguagem. Acreditar que a linguagem correspondente exatamente com um fato (mundo) foi a tese de Russell e Wittgenstein (TLP).

²⁰ Em seu artigo “Da Detonação” (1905), podemos argumentar contra a proposição: “A barba do papai Noel é branca”, entretanto, devemos nos lembrar que o argumento em defesa é artificial, pois se baseia na lógica para organizar a nossa linguagem, porém, a lógica não é capaz de abarcar a linguagem ordinária.

não satisfizesse a condição basilar: que é admitir o oposto da verdade, ou seja, a falsidade. “eles têm construído teorias de acordo com as quais todo o nosso pensamento deve ser verdadeiro, e têm então uma grande dificuldade de encontrar um lugar para a falsidade” (RUSSELL, 1912, p.140).

Segundo critério: (2) verdade e falsidade são juízos, crenças e afirmações, e não fatos. “Parece completamente evidente que se não houvesse nenhuma crença não haveria falsidade, nem verdade, no sentido de que a verdade é mutuamente dependente da falsidade.” (RUSSELL, 1912, p. 140). Ou seja, podemos concluir que a verdade e, tal como a falsidade não existem, no sentido *stricto sensu*, para Russell: “a verdade e a falsidade são propriedades das crenças” (RUSSELL, 1912, p. 140), logo a verdade e a falsidade são um valor que atribuímos a crença.

Terceiro critério: (3) para validar a veracidade ou falsidade da crença é necessário algo externo a ela. “embora a verdade e a falsidade sejam propriedades das crenças, elas são propriedades que dependem das relações das crenças com outras coisas, não de alguma qualidade interna das crenças. (RUSSELL, 1912, p.140). Ou seja, para saber se uma crença é verdadeira, é necessário algo externo a ela, isto é, o mundo, para que possamos verificar. Por exemplo, se eu acredito que à França foi campeã da copa do mundo, em 1998, contra o Brasil na final, minha crença será verdadeira, pois é possível verificar quem foi a campeã da copa do mundo 1998. Portanto, a veracidade da crença não depende dela, mas, sim de um fator externo, o mundo, para que possamos examinar a sua veracidade.

Vejamos o esquema da teoria de Russell:

1. A teoria deve admitir a falsidade.
2. Verdade e falsidade são juízos, crenças e afirmações, e não fatos.
3. Para validar a veracidade ou falsidade da crença é necessário algo externo a ela.

Devemos ter em mente que a relação de verdade e falsidade se dá a partir do *sujeito e os termos*, isto é, a relação estabelecida entre a proposição (junção dos termos), com a realidade. Oтелo acredita que Desdêmona ama Cássio, tal oração possui um sujeito e predicado (os termos). Vejamos o exemplo apresentado por Russell:

Otelo (*Sujeito*) acredita (*crença*) que Desdêmona (*1º termo*) ama (*2º termo*) Cássio (*3º termo*).

Pois bem, há crença é uma relação complexa entre o sujeito e os termos... que não necessariamente seja verdadeira; entretanto, para que a crença de Otelo seja verdadeira. “se no mundo extramental Desdêmona realmente ama Cássio, então a crença de Otelo de que ela ama é verdadeira.” (KIRKHAM, 1992, p. 175)

Afinal o que é uma crença verdadeira?

Assim, uma crença é verdadeira quando ela corresponde a um determinado complexo associado, e falsa quando não corresponde. Admitamos, para maior clareza, que os objetos da crença sejam dois termos e que os termos sejam colocados numa certa ordem pelo “sentido” de acreditar. Então, se os dois termos naquela ordem são unidos num complexo pela relação, a crença é verdadeira; se não, ela é falsa. Esta é a definição da verdade e da falsidade que estávamos buscando. Julgar ou acreditar é uma determinada unidade complexa da qual a mente é um elemento constitutivo; se os demais elementos, tomados na ordem em que aparecem na crença, formam uma unidade complexa, então a crença é verdadeira; se não, é falsa. (RUSSELL, 1912, p. 144).

Como vemos, para Russell a verdade e falsidade são propriedades das crenças, entretanto, elas são em algum sentido propriedades extrínsecas, pois a condição de veracidade da crença é algo que não envolve a crença, ou a mente, mas os objetos da crença. A mente acredita de modo verdadeiro quando existe um complexo de (termos) que *correspondem* com um fato, ou seja, com objetos.

Esta correspondência assegura a verdade, e sua ausência acarreta a falsidade. Deste modo explicamos simultaneamente dois fatos: (a) que as crenças dependem da mente para sua existência, (b) que não dependem da mente para sua verdade. (RUSSELL, 1912, p. 146).

Logos, devemos concluir que a mente não cria a verdade ou falsidade, e sim que são crenças acerca das coisas que, talvez, não correspondem com os fatos, portanto é falsa. E o que torna nossas crenças verdadeiras são os fatos.

5. Conclusão

A proposta deste trabalho era analisar a teoria da correspondência em Russell, destacando elementos fundamentais que possibilitam a sua teoria, e posteriormente, demonstrarmos como ela se articula, apontando a sua implicação. Para Kirkham, ela é o tipo mais venerável de teorias da verdade (KIRKHAM, 1992, p. 119). Entretanto, não podemos nos esquecer que ela é uma teoria que apresenta alguns problemas, justamente pela crença no isomorfismo, a fim de justificar a congruência e, conseqüentemente a compreensão da linguagem distante do seu uso ordinário. Talvez, ela não apresenta soluções interessantes diante de algumas de suas limitações, porém, é inegável que a sua condição verificação para chancelar a verdade é sobretudo admirável, ou seja, para estabelecer a condição de verdade é preciso verificar no mundo, isto é, precisa de evidências. E, para além disso, é rompimento com um conceito de verdade que exista de forma efetiva, no mundo, essa verdade metafísica, que a grande maioria dos filósofos a procuram, “A verdade”. Entretanto, Russell nos mostra que a verdade por si só não existe, ela é um valor atribuído a uma crença, ou seja, a verdade e falsidade são propriedades das crenças. Por fim, concluímos que a teoria de Russell tem vícios, mas também tem virtudes como qualquer teoria filosófica, nesse sentido é fundamental termos uma sensibilidade contextual para empregar a sua teoria em circunstâncias favoráveis.

6. Referência

AQUINO, T. *Suma teológica, vol. I*. 3 ed. Trad. Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2 ed. Tradução Giovanni Reale e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARISTÓTELES. *Poética*. Edição bilíngüe; tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro – São Paulo: Editora 34, 2017 (2ª Edição)

HAACK, Susan. *Filosofia das lógicas*. Tradução de Cezar Augusto Moartari, Luiz Henrique de Araújo Dutra. - São Paulo: Ed. UNESP, 2002

KIRKHAM, Richard L. *Teorias da verdade: uma introdução crítica*. Tradução de Alessandro Zirr - São Leopoldo: UNISINOS 2003.

MARCONDES, Danilo *Dicionário básico de filosofia*, 3º Ed Rio de Janeiro, Ed. Zahar. 2001.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Ed. Zahar. 1997

RUSSELL, Bertrand *Os Problemas da Filosofia*. Tradução de Jaimir Conte - Florianópolis: Ed. UFSC 2005.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de José Arthur Giannotti – São Paulo: USP 1968.